

AS POTENCIALIDADES APRESENTADAS PELO FILME “RIO” NA DIVULGAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Laise Vieira Gonçalves¹ – Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’

Augusto Antonio de Paula² – Universidade Federal de Lavras

Antonio Fernandes Nascimento Junior³ - Universidade Federal de Lavras

Resumo:

Desde a Revolução Industrial, o mundo tem sofrido problemas ambientais por consequência de urbanizações desenfreadas, provocando exclusão social, deslocando a população rural do campo para a cidade, desmatando e substituindo homens por máquinas. Neste contexto, se torna fundamental compreender os contextos socioambientais que perpassam nossa sociedade bem como promover o despertar de uma consciência crítica que possibilite transformar as realidades a nossa volta. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é discutir as potencialidades apresentadas pelo filme de animação Rio (2011) na divulgação da educação ambiental a partir do olhar dos integrantes do Grupo de Estudos em Educação Científica e Ambiental (Geeca) da Universidade Federal de Lavras - MG. Será analisado o olhar destes estudantes sobre o filme como subsídio à divulgação da educação ambiental. O filme é uma animação baseada nas aventuras de um casal de ararinhas azuis e discute a biopirataria, a extinção de espécies e a preservação ambiental. Podemos concluir que os estudantes apresentaram diferentes visões em relação ao potencial do filme Rio na divulgação da educação ambiental no que tange a realidade ambiental brasileira perpassando por olhares não críticos, críticos, conservacionista e superficiais/estereotipados. E, para que seja possível alcançar um potencial de divulgação da educação ambiental numa perspectiva crítica, uma análise mais social do filme é necessária, uma vez que esta visão tem o papel de entender o ambiente em sua totalidade. Podemos concluir que o cinema enquanto recurso pedagógico apresenta possibilidades interessantes no processo de divulgação no que tange a educação ambiental.

Palavras-chave: Divulgação da Educação Ambiental. Cinema. Filme Rio.

Abstract:

Since the Industrial Revolution, the world has suffered environmental problems as a result of unbridled urbanization, causing social exclusion, displacing the rural population from the countryside to the city, deforesting and replacing men with machines. In this context, it is essential to understand the socio-environmental contexts that permeate our society as well as to promote the awakening of a critical conscience that makes it possible to transform the realities around us. In this sense, the objective of this paper is to discuss the potential presented by the animated film Rio (2011) in the dissemination of environmental education from the eyes of the members of the Study Group on Scientific and Environmental Education (Geeca) of the Federal University of Lavras - MG. These students will look at the film as a subsidy for the dissemination of environmental education. The film is an animation based on the adventures of a couple of blue macaws and discusses biopiracy, species extinction and environmental preservation. It can be concluded that the students presented different visions regarding the potential of the Rio film in the dissemination of environmental education regarding the Brazilian environmental reality, passing through non-critical, critical, conservationist and superficial / stereotyped glances. And, in order to reach the potential for the dissemination of environmental education from a critical perspective, a more social analysis of the film is necessary, since this view has the role of understanding the environment in its entirety. We can conclude that cinema as a pedagogical resource presents interesting possibilities in the process of disclosure regarding environmental education.

Keywords: Disclosure of Environmental Education. Movie theater. Rio movie.

¹ Doutoranda em Educação para Ciência, Mestre em Educação e Licenciada em Ciências Biológicas.

² Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas.

³ Professor Adjunto do Departamento de Biologia. Doutor em Educação para Ciência, Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ UNESP/Bauru.

Introdução

Desde os primórdios da história humana, o desenvolvimento social sempre produziu impactos diversos e de variável intensidade sobre o mundo natural. Contudo, nunca o fez de uma maneira tão profunda e abrangente a ponto de se cogitar acerca da própria sobrevivência da espécie humana. Tal cenário passou a ser vislumbrado a partir da segunda metade do século XX, quando a humanidade se tornou ciente do potencial de destrutividade que acumulara (LIMA, 2005). Assim, a questão ambiental, entre outros problemas contemporâneos de alta complexidade, desafia o paradigma científico moderno e expõe sua limitação epistemológica e política, ao demonstrar que não é possível capturar o real a partir de concepções fragmentárias e instrumentais.

Ao longo da história, a educação ambiental esteve associada a diferentes valores e interesses, gerando um quadro bastante complexo de educações ambientais com orientações metodológicas e políticas bastante variadas. Layrargues e Lima (2014) deixam claro que a educação ambiental é um campo em disputa no Brasil, representado por diferentes concepções, práticas e posições político-pedagógicas, com três principais macro-tendências: conservacionista, pragmática e crítica.

De acordo com Grün (2007), a necessidade do predicado ambiental na educação surge devido à negação do ambiente durante todo o período da educação moderna. Assim, a utilização do predicado ambiental na educação tem um caráter histórico e a educação ambiental é uma resposta da educação a uma crise da cultura ocidental cartesiana que, durante a modernidade, ‘esqueceu’ o nosso vínculo indissociável com o ambiente, negando, assim, a própria história da humanidade. No entanto, Pádua e Sá (2002) argumentam que os adjetivos adicionados à educação seriam desnecessários se a mesma fosse abrangente e integradora, estando assim às questões ambientais inseridas em todas as situações educativas.

No Brasil, a Portaria 678/91 do MEC (BRASIL, 1991) determinou que a educação escolar deveria contemplar a educação ambiental permeando todo o currículo dos diferentes níveis e modalidades de ensino. Segundo Layrargues (2004), a educação ambiental brasileira, até mesmo quando desenvolvida em espaços educativos similares, não é constituída pelo consenso. Ao olharmos para a história de sua estruturação isso fica evidente, sendo expressa atualmente na literatura uma crescente tipologia de variadas correntes, tendências e identidades. Assim, uma diversidade de atores, grupos e instituições sociais compõem o campo da educação ambiental. Estes compartilham, enquanto membros do campo, um núcleo de valores, de normas e características comuns, mas também se diferenciam entre si por outras concepções que se

fundamentam em interesses e posições políticas diversas que oscilam entre tendências à conservação ou à transformação das relações sociais e das relações que a sociedade mantém com o seu ambiente (LIMA, 2005).

1. Educação Ambiental e Cinema

Cada dia mais as imagens fazem parte da vida e do cotidiano das pessoas caracterizando-se como um meio de informação e formação constante. Segundo Medeiros (2012), as imagens em movimento se destacam, neste universo, como uma das grandes responsáveis por observações e experiências aos quais dão base e apoio para construir saberes e conhecimentos sobre um mundo em constante transformação. O cinema reconstrói a vida social, expressa práticas sociais, modos de pensar, valores, tensões, comportamentos e visões de mundo de uma determinada sociedade em um determinado momento histórico (CARVALHO, 1998).

Duarte e Gonçalves (2014) apontam que o cinema se propagou pelo mundo, chegando também ao campo da educação, e abrindo caminhos para pensá-lo como um recurso pedagógico. No Brasil, o cinema está presente neste campo desde o início da década de 1930 com a inserção dos ‘livros de imagens luminosas’ no processo educacional e com a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo no final da mesma década. O que percebemos hoje é que o cinema está muito presente no cotidiano dos alunos e também por isso não pode ser deixado de lado do processo educacional (KLAMMER et al., 2006).

Em 2014 foi criada a lei 13.006, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB de 1996, tornando o cinema nacional obrigatório nas escolas brasileiras integrando a exibição de filmes de produção nacional, que constitui componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais (BRASIL, 2014).

Neste sentido, no que se refere ao diálogo entre o cinema e a educação ambiental, percebe-se que cinema está intimamente relacionado a este campo e seu uso pode ser encontrado em diferentes espaços. O Circuito Tela Verde (CTV), do Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, em parceria com o Ministério da Cultura teve papel de destaque neste sentido. Filmes independentes que abordam o tema “ambiental” foram produzidos desde 2009 e atuaram como polo de difusão, fomentando um importante espaço para divulgação das produções e socialização entre os produtores e o público espectador (COSTA; SÁNCHEZ, 2015). Entretanto, com a nova reformulação ministerial acontecida no país após as eleições de 2018, o novo decreto nº 9.674, de 2 de janeiro de 2019 transformou o Ministério da Cultura em Secretaria Especial da Cultura dentro do Ministério da Cidadania

(BRASIL, 2019). Tal ação pode interferir diretamente nos processos que estavam em curso, uma vez que muitas políticas do setor podem não estar consolidadas e acabam por não encontrar continuidade.

Assim, tais ações, que até então foram desenvolvidas, se mostravam fundamentais no enfrentamento de questões ambientais, uma vez que práticas de educação ambiental não são tão frequentes como deveriam e, mesmo quando ocorrem, são desenvolvidas de forma muito pontual, desconsiderando tanto a interdisciplinaridade que envolve estes esforços como a pluralidade de metodologias que poderiam ser utilizadas para seu ensino. Diversos autores têm tratado deste tema, e apontam para uma prática positiva no que diz respeito da utilização do cinema como recurso pedagógico na educação em geral bem como no campo da educação ambiental. Entretanto, é preciso que esse diálogo entre o cinema e a educação seja desenvolvido de forma crítica e não somente uma utilização ilustrativa ou de entretenimento.

Neste sentido, é fundamental refletir sobre as problematizações colocadas por Fresquet e Miglorin (2015) entorno desta obrigatoriedade do cinema:

Veremos qualquer filme? Teremos uma comissão de seleção dos filmes? Como estará composta a comissão que selecionará esses filmes? Como contribuiremos para que os filmes sejam discutidos, pensados e experimentados esteticamente e discursivamente? Será possível fugir do formato que hoje controla a Ancine? – centralizada, que dá superpoderes ao Estado e enfatiza o cinema como produto comercial? (FRESQUET; MIGLORIN, 2015, p.10).

No que se refere as possibilidades relacionadas ao diálogo entre cinema e educação, os autores ressaltam que

o cinema na escola opera imediatamente a transmutação de todos em espectadores. Diante da tela acontece uma horizontalização de nossa condição, até na posturas dos corpos, professor e alunos não estão mais contrapostos em dois lados, mas se viram para juntos assistir ao filme, se colocam no mesmo lugar, com a tela como foco de atenção (FRESQUET; MIGLORIN, 2015, p. 6).

Os autores apontam, ainda, que o cinema é uma janela que nos permite olhar para o mundo, para a sociedade, para a tecnologia, para a ciência, para o ambiente, e possibilita a formação integral, cultural, científica e crítica de cidadãos (FRESQUET; MIGLORIN, 2015).

Veríssimo e Silva et al. (2015) também destacam o cinema como sendo um recurso com grande potencial para contextualizar e problematizar os conhecimentos das diferentes áreas, uma vez que apresenta diferentes situações do cotidiano e da realidade dos alunos, contribuindo

no processo de ensino-aprendizagem. Os autores ainda ressaltam que o cinema se mostra como uma obra de arte, que vai além de recurso pedagógico, trazendo diversos problemas da realidade social dos alunos, propiciando um olhar crítico dos sujeitos para problemas presentes no seu cotidiano, fazendo assim com que eles possam questioná-los e transformá-los.

Desde a década de trinta os filmes têm sido utilizados como um recurso em salas de aula (FANTIN, 2007). É preciso ter cuidado, todavia, pois alguns desses trabalhos trazem uma visão na qual os alunos não são levados a olhar criticamente a tecnologia e a ciência utilizando, frequentemente, o filme apenas como um exemplo daquele conhecimento no cotidiano. Isso pode decorrer numa visão descontextualizada da ciência, que não adentra nas verdadeiras dimensões sociais em que o conteúdo está inserido.

Nesse sentido, consideramos a relevância de investigar as potencialidades de divulgação dos conteúdos da educação ambiental e sua associação com o cinema, sendo importante compreender como estes filmes podem estabelecer um diálogo com a educação e contribuir para despertar uma consciência crítica da educação ambiental, contemplando uma formação cidadã que de fato possibilite a compreensão e transformação da realidade ambiental e social. Assim, neste trabalho, o cinema vem como um recurso que atua na divulgação dos diferentes conhecimentos da educação ambiental a serem construídos pelos telespectadores nos diversos espaços de divulgação da ciência.

2. O Filme Rio (2011)

A trama se desenvolve quando Blu, uma arara azul macho que nasceu no Brasil mas foi contrabandeada quando pequena para os EUA, onde vive como bicho de estimação, precisa procriar para salvar a espécie. Uma arara fêmea, Jade, espera por ele na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. As duas aves, no entanto, são sequestradas por traficantes de animais dos quais tentarão escapar durante o longa, enquanto conhecem um ao outro. O filme Rio trata de um tema bastante sensível e importante, que é o contrabando de animais silvestres, triste realidade que assola a fauna brasileira. Ele debate a ecologia por meio da preservação e extinção de espécies e o cuidado com o meio ambiente, mas também é preciso pensar em qual tendência da educação ambiental o filme se concentra, quais contextos ambientais são construídos e qual consciência ambiental é despertada.

Neste sentido, o filme demonstra possibilidades de discussões de questões que assolam a realidade ambiental brasileira, não só no que diz respeito ao tráfico de animais silvestres (tema central do filme), mas também no que tange a realidade socioambiental brasileira a partir do ambiente da cidade do Rio de Janeiro, retratado no filme. Mas, quais seriam as potencialidades

de divulgação da educação ambiental apresentadas no filme? Como os professores, enquanto mediadores, identificam estas potencialidades de divulgação? Tais questões emergem no sentido de compreender como o cinema, que acaba sendo um veiculador de ideologias (VERÍSSIMO E SILVA et al., 2015), estabelece um diálogo com a educação ambiental podendo se constituir como um meio potencial para sua divulgação.

Assim, este trabalho tem por objetivo analisar e discutir o olhar dos integrantes do Grupo de Estudos em Educação Científica e Ambiental (GEECA) da Universidade Federal de Lavras - MG no que se refere às potencialidades apresentadas pelo filme de animação Rio (2011) na divulgação da educação ambiental. Neste sentido, será analisado o olhar destes estudantes sobre o filme como subsídio à divulgação da educação ambiental no que tange a realidade ambiental brasileira.

3. Metodologia

O filme Rio foi exibido aos 17 licenciandos em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Lavras (UFLA) e que integram o Grupo de Educação Científica e Ambiental (Geeca) na mesma universidade. Ao final, foi pedido a eles que relatassem, por escrito, as potencialidades apresentadas pelo filme na divulgação da educação ambiental.

Após a constituição dos dados, estes foram analisados com base na metodologia de análise por categorias, proposta por Minayo (2004), que é derivada da análise de conteúdo, e se caracteriza como um conjunto de técnicas que permitem analisar os elementos encontrados a partir da fala dos participantes, entendendo que o texto é uma forma de expressão.

4. Resultados e discussão

A partir da análise das avaliações, foram elaboradas quatro categorias que foram agrupadas por conterem elementos em comum. O quadro abaixo apresenta as categorias elaboradas, a descrição de cada categoria e a frequência que apareceram.

Quadro 1. Categorias, descrição e ocorrência

Categorias	Descrição	Ocorrência
Potencial não crítico	Esta categoria remete aos transcritos que apontam que o filme não aborda de forma crítica os conteúdos da educação ambiental numa perspectiva social.	A1, A4, A11, A15, A16, A17.
Potencial crítico	Concentram-se aqui as falas que fazem referência a um diálogo entre as questões ambientais e as questões sociais percebidas a partir do filme.	A3, A4, A5, A7, A9, A10, A11, A12, A14, A15, A16.

Potencial conservacionista	Nesta categoria as falas dos licenciandos que, embora apresentem alguns aspectos sociais, tais elementos não são aprofundados numa perspectiva crítica o que destaca um potencial da educação ambiental mais próximo à conservação ambiental.	A6, A8, A13.
Potencial superficial e estereotipado	Nesta categoria estão as falas as quais os licenciandos destacaram a visão superficial e/ou estereotipada do Brasil e do povo brasileiro presente no filme contribuindo para reforçar tal visão perante o Brasil e o mundo.	A4, A15, A16, A17

A partir da primeira categoria “*potencial não crítico*” os alunos apontaram que o filme não aborda, de forma crítica, os conteúdos da educação ambiental como observado nas falas abaixo:

(A1) “O filme Rio (...) não trata do tema (tráfico de animais) de forma crítica, visto que não traz questionamentos sobre o entendimento da cultura do tráfico e de como isso influencia a natureza”.

(A17) Outra questão que o filme também apresenta de problemático se faz ao mostrar somente a primeira etapa do processo do tráfico de animais. Mostrando os fornecedores ou traficantes, mas não mostrando os compradores (que criam a demanda) que são de outros países, muitos deles ricos, de certa forma, resumindo a questão do tráfico a uma questão interna do Brasil”.

Para que se configure em uma mudança no pensamento e criação de uma sociedade transformadora é necessária uma abordagem que questione as relações políticas, econômicas, sociais não buscando apenas mudanças de valores e costumes, mas sim o surgimento de uma nova sociedade, de uma nova ética (LOUREIRO, 2007).

Considerando então que a educação ambiental crítica visa à formação de cidadãos críticos, reflexivos e transformadores é preciso que estas questões sejam pensadas no processo educacional, seja em espaços formais ou não formais, juntamente com a importância de uma formação histórico crítica, para que o sujeito consiga se entender para além do ambiente ao seu serviço, mas sim para o contexto socioambiental. Assim, os problemas ambientais, para além da biologia pura, precisa ter artifícios, argumentos, e até mesmo a prática do olhar de uma maneira crítica, reflexiva para as situações, pensando nos problemas ambientais como os problemas que causam desequilíbrio no ambiente como um todo, não apenas pensar no lixo como lixo, mas pensar no lixo como consumismo.

Na segunda categoria “*potencial crítico*”, os alunos estabelecem diálogos entre as questões ambientais e as questões sociais percebidas a partir do filme como pode ser observado nas falas:

(A7) “*O filme é uma ótima oportunidade para discutir questões como a biopirataria, a conservação de espécies em risco de extinção e a marginalização, que coloca uma parcela da população à margem das condições essenciais de educação, moradia, saúde e emprego*”.

(A12) “*O filme Rio traz um paralelo sobre a realidade não só da cidade do Rio, mas também do Brasil todo. Ao mesmo tempo em que vivemos em um país belo e cheio de riquezas naturais, como a fauna e a flora, além da rica cultura mostrada no filme através do carnaval e da música, vivemos também em um país com grandes desigualdades sociais e desvalorização das riquezas naturais em busca de dinheiro*”.

Em consonância com Guimarães (2003) a educação ambiental deve priorizar a formação de cidadãos capazes de conhecer o ambiente em que vivem para que possam transformá-lo participando ativamente das problemáticas relacionadas ao meio ambiente. Também é necessário que os conteúdos façam sentido para os sujeitos no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para que esses compreendam os fenômenos da realidade em sua totalidade. Entretanto, apesar de por muito tempo o ambiente ter sido remetido apenas à natureza, de maneira isolada, sem relações com o meio social que o homem está inserido, alguns autores como Loureiro (2007) e Tozoni-Reis (2007), discutem que a educação ambiental possibilita uma visão holística do meio, fazendo uma relação entre os diversos âmbitos da sociedade com os conhecimentos científicos. Segundo Marx (1993, p. 164), “o homem vive da natureza, quer dizer: a natureza é seu corpo, com o qual tem que manter-se em permanente intercâmbio para não morrer”. Nesse sentido, entende-se que a natureza e o meio social, construído pelo homem, são duas coisas atreladas e indissociáveis.

Na terceira categoria “*potencial conservacionista*” observa-se que três discentes trazem elementos que destacam um potencial mais próximo à preservação ambiental de uma forma mais conservacionista. Os estudantes relatam o problema do tráfico de animais silvestres apresentado no filme e, embora apresentem alguns aspectos de natureza econômica bem como sobre os problemas de fiscalização, tais questões não são aprofundadas numa perspectiva crítica, mas sim voltadas para uma perspectiva conservacionista do ambiente, como pode ser visto a seguir:

(A6) “O mais importante e evidente de tudo é a força que o filme tem em denunciar o tráfico de animais, ilustrando de forma clara a crueldade que os envolvidos com o tráfico de animais agem, capturando um número absurdo de aves de diversas espécies para um fim meramente lucrativo”.

(A8) “O filme traz em seu enredo diversas informações sobre ambiente e sobre o tráfico de animais, 3º tráfico mais lucrativo do Mundo e como o Brasil é vítima desse contrabando pela sua alta diversidade biológica e falta de fiscalização.

Segundo Adams (2005), é comum resumir o meio ambiente apenas em termos de problemas ambientais, a preservação da natureza, diminuição do lixo, a proteção dos animais, etc. Todavia, tais expressões se originam da dicotomia que é feita entre o ser humano e a natureza, como se a natureza estivesse a serviço do homem. Estas questões devem ser discutidas através da educação ambiental, que é pensada e categorizada em diferentes vertentes de acordo com as vivências, influências e contextos. Entretanto, quando o ambiente é pensado apenas em seu sentido biológico, a educação ambiental assume um caráter naturalista, reforçando a vertente da educação ambiental conservacionista, onde questões sociais não são pensadas nem refletidas.

Neste contexto, apesar de o homem fazer parte da natureza, historicamente ele tem construído uma relação de exploração, degradação e dominação com o ambiente, o que é reforçado pelo modelo econômico marcado pela exploração, que o torna cada vez mais distante e diferente da natureza (TREIN, 2012).

Na quarta categoria “*potencial superficial e estereotipado*” observa-se que os discentes apontaram para uma visão superficial e/ou estereotipada do Brasil e do povo brasileiro presente no filme, contribuindo para reforçar tais visões perante o Brasil e o mundo, como podemos perceber nas falas a seguir:

(A4) “O filme aborda o Rio de Janeiro de maneira superficial, o que pode reforçar a ideia de que nele há apenas carnaval, belas mulheres e Mata Atlântica”.

(A17) “O filme Rio se prende à vários estereótipos como o do pesquisador brasileiro ‘idiota’ e atrapalhado, das pessoas todas loucas por futebol e Carnaval, ou mesmo de pessoas que fazem de tudo pra sobrepujar as outras e conseguir algum tipo de vantagem”.

Estas falas estão em consonância com Amancio (2000), que argumenta que as imagens de paisagens de cidades como o Rio de Janeiro, por exemplo, retratadas nos filmes, podem ser chamadas de ‘imagem de cartão-postal’ havendo ainda uma cristalização da imagem do Brasil que, de tão estereotipada, tornou-se clichê. A animação mostra, ainda, um Brasil inclinado à alegria, apesar de suas mazelas sociais. Reduz a criminalidade do país à população que vive em

favelas e apresenta a questão do tráfico de animais silvestres de maneira superficial, enquanto deixa de lado questões econômicas, políticas e sociais que envolvem este ‘mundo’ do crime. Esse recorte impede uma visão, em sua totalidade, das questões que envolvem o ambiente da cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, é importante refletir acerca destes aspectos, uma vez que essa dicotomia de imagens possibilita aos espectadores oportunidade de reflexão acerca das representações do Brasil veiculadas em diferentes mídias (GUEDES; SCHEMES; ARAUJO, 2014). Assim, é importante que tais visões sejam refletidas e problematizadas para que possamos romper com qualquer tipo de estereótipo que não contribui em nada para a construção de uma visão que retrata, de fato, a realidade brasileira.

Considerações Finais

Podemos concluir que os estudantes apresentaram diferentes visões em relação ao potencial do filme Rio na divulgação da educação ambiental no que tange a realidade ambiental brasileira perpassando por olhares não críticos, críticos, conservacionista e superficiais/estereotipados. Como apresentado nos resultados, dos 17 estudantes que participaram da atividade, seis apontaram que o filme não traz uma abordagem crítica da educação ambiental, onze conseguiram perceber um potencial crítico a partir do filme, quatro notaram o quanto o filme pode contribuir para reforçar uma visão superficial e/ou estereotipada do Brasil e do povo brasileiro, enquanto apenas três estudantes apresentaram uma visão mais conservacionista do ambiente, estabelecendo uma relação superficial entre as questões ambientais e sociais. Neste contexto, é importante destacar que a maioria dos integrantes do Geeca demonstrou aptidão à uma leitura crítica e rica do filme, perpassando desde questões ambientais até outras dimensões político-econômico-social do ambiente.

Assim, pensar o ambiente na perspectiva crítica significa incluir as questões políticas, econômicas, éticas, culturais e sociais que o envolvem e que nem sempre são apresentadas nas obras de arte. E, para que isso aconteça, é fundamental que o mediador esteja instrumentalizado para promover um debate crítico destas questões, que são apontadas no filme, mas não são aprofundadas ou nem sequer retratadas, contribuindo na construção de um olhar mais crítico e emancipador da realidade socioambiental brasileira. Entretanto, para que seja possível alcançar um potencial de divulgação da educação ambiental numa perspectiva crítica, uma análise mais social do filme, após sua exibição, é necessária. Pois, sem essa discussão, será difícil ter todas as potencialidades debatidas ou enxergadas, uma vez que o filme apresenta ausências para um debate em educação ambiental crítica.

Desta forma, o processo educativo ambiental precisa ser pensando dentro desta perspectiva quebrando assim o conceito enraizado de ambiente que não considera seu caráter social e histórico, resumindo-o apenas a concepção biológica. Assim, se faz necessário ressaltar que o potencial de divulgação do filme não está no artefato, por si só, mas na possibilidade de inseri-lo em um contexto educacional em que exibição e debate aconteçam em associação.

Referências

ADAMS, B.G. *O que é educação ambiental?*, 2005. Disponível em: <<http://www.apoema.com.br/definicoes.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

AMANCIO, T. *O Brasil dos gringos: imagem no cinema*. Niterói: Intertexto, 2000.

BRASIL. Portaria 678/91 do MEC - *Determinação que a educação escolar deveria contemplar a Educação Ambiental*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura – MEC, 1991.

_____. *Lei 13.006, de 26 de junho de 2014*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm> Acesso em: 24 jun. 2020.

_____. *Decreto nº 9.674, de 2 de janeiro de 2019*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9674.htm> Acesso em: 24 jun. 2020.

CARVALHO, I.C.M. O ‘ambiental’ como valor substantivo: uma reflexão sobre a identidade da educação ambiental. In: SAUVÉ, L.; ORELLANA, I.; SATO, M. *Textos escolhidos em educação ambiental: de uma América à outra*. Montreal: Publications ERE-UQAM, 2002. p. 85-90.

COSTA, R.N.; SÁNCHEZ, C. O encontro do cinema com a educação ambiental crítica no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. In: EPEA- Encontro Pesquisa em Educação Ambiental, 8., 2015, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Unirio, UFFRJ e UFRJ, 2015.

DUARTE, R.D.; GONÇALVES, B.M.A.P. Relações entre cinema e educação na esfera pública brasileira. In: BARBOSA, M.C.S.; SANTOS, M.A.S. (Orgs.). *Escritos de alfabetização audiovisual*. Porto Alegre: Libretos, 2014.

FANTIN, M. Mídia-educação e cinema na escola. *Revista Teias*, v.8, n. 14-15, p. 1-13, 2007.

FRESQUET; A.; MIGLIORIN, C. *Cinema e educação: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas*. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015.

GODOY, A.S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GUEDES, B.; SCHEMES, C.; ARAUJO, D.C. O filme Rio e a pluralidade cultural do Brasil. *Polêm!ca*, v. 13, n. 3, p. 1565-1582, 2014.

GRÜN, M. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*. 11. ed. Campinas: Papirus, 2007.

- GUIMARÃES, M. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papyrus Editora. 2004.
- KLAMMER, C.R.; GNOATTO, D.M.; OZÓRIO, E.V.K.; SOLIERI, M. Cinema e educação: possibilidades, limites e contradições. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 3., 2006, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2006. p. 872-882.
- LAYRARGUES, P.P. *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2004.
- LAYRARGUES, P.P.; LIMA, G.F.C. As macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. *Ambiente & Sociedade*, v. 17, n.1, p. 23-40, 2014.
- LIMA, G.F.C. *Formação e dinâmica do campo da educação ambiental no Brasil: emergência, identidades, desafios*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <<https://bit.ly/gfclimamestrado>>. Acesso em: 24 jun. 2020.
- LOUREIRO, C.F. Pesquisa-ação participante e educação ambiental: uma abordagem dialética e emancipatória. In: TOZONI-REIS, M.F.C. (Org.). *A pesquisa-ação participativa em educação ambiental: reflexões teóricas*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 13-56.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- MEDEIROS, S.A.L. *Imagens educativas do cinema: possibilidades cinematográficas da educação*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/ppge/files/2012/05/Imagens-Educativas-do-Cinema.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2020.
- MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- PADUA, S.M.; SÁ, L.M. O papel da educação ambiental nas mudanças paradigmáticas da atualidade. *R. paran. Desenv.*, n. 102, p. 71-83, 2002.
- RIO. Produção de Carlos Saldanha. Estados Unidos: 20th Century Fox, Blue Sky Studios, 2011. 96min
- TOZONI-REIS, M.F.C. (Org.). *A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.
- TREIN, E.S. A educação ambiental crítica: crítica de quê? *Revista Contemporânea de Educação*, v. 7, n. 14, p. 295-308, 2012.
- VERÍSSIMO E SILVA, L.G.; REIS NETO, J.A.; SOUZA, I.A.; NASCIMENTO JUNIOR, A.F. “Sonhos tropicais”: o uso de cinema como recurso no ensino do tema doenças infecciosas e parasitárias. *Revista Práxis*, ano VII, edição especial IV, p. 192-198, 2015.

Apoio: CAPES e FAPEMIG